

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO REGULAR

Sergei Bittencourt Loureiro¹

Ingrid Lara de Araújo Utzig²

RESUMO

O presente estudo teve como foco principal abordar a contribuição da utilização de música como instrumento pedagógico de aprendizagem de língua inglesa nas escolas da Educação Básica, contexto educacional ainda bastante estigmatizado empiricamente como desfavorável para o sucesso da aprendizagem do idioma, sobretudo se considerarmos a rede pública de ensino. Através de uma pesquisa bibliográfica baseada em textos de autores como Vera Lúcia P. Bréscia, David Crystal, Violeta Hemsy de Gainza, entre outros, procurou-se evidenciar a potencialidade abrangente do uso da música em aulas de inglês, para além de seu propósito de competência linguística, na construção de sujeitos crítico-reflexivos com conhecimentos históricos e culturais, capazes de compreender, agir e transformar o mundo ao seu redor, com a mediação de professores melhor preparados e conscientes de seu papel fundamental nesse processo.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem; música; língua inglesa; benefícios.

ABSTRACT

The main focus of this study was to address the contribution of using music as a pedagogical tool for learning English in Educação Básica schools, an educational context still empirically stigmatized as unfavorable for the success of language learning, especially if we consider the public school system. Through a literature review based on texts from authors as Vera Lúcia P. Bréscia, David Crystal, Violeta Hemsy de Gainza, among others, we sought to demonstrate the comprehensive potential of using music in English classes, beyond its purpose of linguistic competence, in the construction of critical-reflexive subjects with historical and cultural knowledge, capable of understanding, acting, and transforming the world around them, with the mediation of better prepared teachers, conscious of their fundamental role in this process.

Keywords: Teaching-learning process. Music. English language. Benefits.

¹ Formando em Licenciatura em Letras-Inglês na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/UAB). E-mail: sergeibittencourt@hotmail.com.

² Orientadora. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista em convênio com a UNIFAP. Especialista em Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP) e Licenciada em Letras/Inglês pela UNIFAP. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP - Campus Macapá). E-mail: ingrid.utzig@ifap.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Ensinar uma língua estrangeira em nosso país é sempre desafiador para qualquer professor, pois a falta de prática guiada dentro e fora de sala de aula dificulta sua aprendizagem. Em referência à Língua Inglesa, apesar de sua incontestável presença massiva em nosso cotidiano, há ainda barreiras no processo formal de ensino. A importância do aprendizado de inglês já é indiscutível nos dias de hoje, tanto para expansão profissional ou conhecimentos de novas culturas, quanto para viagens, entre outros.

No presente momento, a Língua Inglesa alcança um status diferenciado em relação a outras línguas faladas no mundo. Segundo Crystal (2005), cerca de 400 milhões de pessoas falam inglês como primeira língua, 400 milhões utilizam esse idioma como segunda língua e 600 milhões o empregam como língua estrangeira.

Rajagopalan (2005) argumenta que em torno de 80% a 90% da divulgação do conhecimento científico ocorre em inglês. Como língua franca, ou seja, uma língua elegida para a comunicação entre um grupo de falantes multilíngues, o idioma está abundantemente presente no cotidiano e é essencial para a compreensão e desenvolvimento de atividades que envolvam aparatos tecnológicos, comunicação internacional e inserção do indivíduo em uma sociedade de aspectos e dinâmicas multiculturais, como a nossa.

O advento da pandemia da COVID-19 veio trazer de forma compulsória a necessidade do desenvolvimento de habilidades em comunicação virtual com a utilização de ferramentas da Web 2.0 (termo que descreve uma nova geração de aplicativos e serviços interativos online, trazendo uma dinâmica de colaboração e compartilhamento na interatividade digital), que são essencialmente descritas em inglês, evidenciando a importância do conhecimento da língua. Essa importância se vê traduzida na presença do ensino da língua como componente curricular obrigatório no sistema de ensino regular, nos anos finais do Ensino Fundamental.

A música, por sua vez, também prova sua importância no desenvolvimento socioeducacional através de seu retorno como disciplina no currículo escolar no dia 18 de agosto de 2008. A Lei Nº 11.769 (BRASIL, 2008) estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de Educação Básica. A aprovação da lei foi sem dúvida uma grande conquista para a área de educação musical no país, sob a justificativa apontada por pesquisas científicas de que a música favorece o raciocínio

e promove transformações sociais aliadas a aspectos de criatividade, equilíbrio social, alegria e cultura. Dessa forma, a compatibilidade desses dois componentes curriculares vem ao encontro da transversalidade e interdisciplinaridade, conceitos que visam uma abordagem mais ampla e integrada do conhecimento, para além da fragmentação disciplinar que tradicionalmente tem sido utilizada na organização dos currículos escolares.

A transversalidade refere-se à inserção de temas e valores relevantes para a formação integral dos estudantes, que são considerados transversais a todas as disciplinas e áreas do conhecimento. São temas como ética, cidadania, diversidade, meio ambiente, saúde, trabalho e consumo, por exemplo, que não são específicos de uma única disciplina, mas que permeiam todo o processo educativo e devem ser trabalhados em diferentes momentos e contextos.

Já a interdisciplinaridade envolve a integração de diferentes disciplinas e áreas do conhecimento para abordar questões complexas e problemáticas que não podem ser compreendidas a partir de uma única perspectiva disciplinar. A ideia é que os conhecimentos de diferentes áreas sejam articulados e integrados para que o estudante possa ter uma visão mais ampla e integrada do mundo e possa desenvolver habilidades e competências para lidar com situações reais e complexas.

Não é exclusividade de poucos o relato de que a música lhes serviu de influência e fator motivacional à aprendizagem de idiomas, e a música há tempos se faz presente no contexto educacional de língua inglesa, seja nas escolas de Educação Básica ou nos cursos de idiomas, embora naquelas esse recurso seja utilizado bem mais superficialmente, se comparado aos cursos particulares.

Apesar de inúmeros recursos de instrumentação pedagógica, a música na aula de inglês é utilizada mais comumente com a finalidade de quebrar a tensão de uma aula tipicamente teórica ou de completar o tempo possivelmente excedente em uma falha de planejamento de aula. E fica evidente o foco desse uso, na grande maioria das vezes, voltado ao ensino das estruturas morfosintáticas, primordialmente, em uma abordagem de léxico e gramática, no desenvolvimento das habilidades de leitura (*reading*) e escrita (*writing*).

A partir disso, elaborou-se o seguinte problema: a utilização da música no contexto educacional pode ser mais abrangente e ajudar a desenvolver, além das

outras habilidades linguísticas de compreensão e produção orais (*listening* e *speaking*, respectivamente), aspectos psicológicos de criatividade, motivação e senso crítico?

Visando abordar a problemática da contribuição da utilização da música como instrumento pedagógico, mediante os desafios da aprendizagem de língua inglesa nas escolas de Educação Básica, esse trabalho justifica-se por ainda existir uma crença de que não se aprende efetivamente a língua nesse contexto educacional, como acontece nos cursos particulares de idiomas. Esse pensamento é confrontado por Nassar (2018), que levanta hipóteses e reflexões a respeito da contribuição das orientações contidas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018)³, que focam, sobretudo, na fomentação de recursos tecnológicos e na capacitação profissional dos docentes.

Além disso, a subvalorização deste componente curricular é evidente não somente pela carga horária que apresenta, mas também pela baixa motivação dos alunos frente às práticas pedagógicas atuais. E estão cada vez mais comprovados os benefícios que a música traz para a saúde, tanto física como psicologicamente. Além de ter um potencial motivador, a música é um dos melhores e mais efetivos métodos de ensino. Pereira (2009) afirma que

Música é uma linguagem universal, usada para a comunicação, inspiração, educação, entretenimento, etc. Ela consegue mudar o humor das pessoas (quando estamos tristes, basta ouvirmos uma música alegre; ou quando estamos nervosos ou ansiosos, é só ouvirmos uma música relaxante). [...] Na educação, está comprovado que este é um dos melhores métodos de aprendizagem. Aprender com música é muito efetivo, pois estimula a função cognitiva, o corpo, com a emoção e audição. (PEREIRA, 2009, n. p).

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é identificar os aspectos favoráveis ao aprendizado de língua inglesa através da utilização de música como um instrumento pedagógico de ensino. De forma mais específica, buscou-se relatar como a música auxilia na condição psicoafetiva e comportamental do aprendiz, relacionando a música ao desenvolvimento das habilidades linguísticas de compreensão e produção orais e escritas, evidenciando a aplicabilidade abrangente da música no

³ A Lei 14.533/23, que cria a Política Nacional de Educação Digital, foi sancionada, porém, com vetos. Isso afeta a implementação do Novo Ensino Médio e algumas orientações da BNCC a respeito das diretrizes de fomentação de recursos e capacitação. Até o momento da redação deste estudo, não havia data definida de votação para aprovação desses vetos no Congresso Nacional.

desenvolvimento dos campos social, cognitivo, intelectual e cultural dos alunos do sistema regular de ensino.

A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório e descritivo, a partir de uma revisão bibliográfica, que, de acordo com Gil (2002), é constituída principalmente por textos científicos já existentes como, por exemplo, livros e artigos com exclusividade para as fontes de referências, apresentando uma visão geral sobre a aprendizagem de inglês nas escolas de ensino regular através da utilização da música como instrumento pedagógico, bem como os aspectos psicológicos da música e suas influências no aprendizado de línguas.

A pesquisa, realizada em várias bases de dados de artigos científicos, incluindo Google Scholar, Scielo, periódicos da CAPES e repositórios de Universidades Públicas Federais, foi baseada em estudos de autores, tais como Bréscia (2003), Cabral et al. (2016), Gobbi (2001), Murphey (2013), Oliveira (2014), Pereira (2009), Santos (2011), entre outros teóricos que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto abordado e buscou evidenciar os benefícios na aprendizagem de língua inglesa através da utilização de músicas.

2 O PERCURSO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Nos últimos anos, o inglês passou a ser um dos idiomas mais importantes do mundo, principalmente por conta da globalização, que intensificou as relações político econômicas internacionais. Com o avanço tecnológico, surgiu uma nova motivação para se aprender uma língua estrangeira, da mesma forma em que o turismo trouxe essa necessidade, pois o contato entre pessoas de diferentes nações demandava uma língua que facilitasse a comunicação pessoal.

Segundo Lima e Quevedo-Camargo (2008), foi durante a Segunda Guerra Mundial que surgiu a preocupação com o aprendizado de língua estrangeira. Muitos países foram envolvidos no conflito bélico, o que gerou nos governos e órgãos militares dos Estados Unidos a visão da importância de se aprenderem as línguas dos países envolvidos nos conflitos, com a finalidade de interceptar mensagens e de facilitar a comunicação em território inimigo. Após a guerra, motivadas pelas relações político-econômicas internacionais, as universidades americanas passaram a desenvolver métodos de ensino de língua inglesa, decretando sua hegemonia enquanto potência mundial.

Desde então, a língua inglesa vem ganhando cada vez mais espaço e se tornando cada vez mais forte e pontual em todo o mundo. Hoje, o inglês é a língua mais usada no mundo dos negócios em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, e seu domínio é praticamente universal nas universidades (BRASIL, 1998).

Santos (2011) explica que, no Brasil, o ensino de língua inglesa teve início no período imperial, em 1808, quando era comandado pela coroa portuguesa. O motivo de D. João VI determinar como obrigatório o ensino da Língua Inglesa no Brasil foi pelo fato de Portugal manter relações comerciais com a Inglaterra.

O ensino de língua inglesa como disciplina obrigatória no currículo escolar brasileiro teve início em 1809. Dom João VI decretara a implantação do ensino de duas línguas estrangeiras, a inglesa e a francesa, escolhidas estrategicamente, visando às relações comerciais que Portugal mantinha com a Inglaterra e a França (SANTOS, 2011, p. 1).

Depois de um longo período em que a Língua Inglesa era obrigatória na grade curricular no Brasil, nos anos 1960, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), o ensino de língua inglesa deixa de ser obrigatório, e somente a partir da década de 1990 o ensino da língua estrangeira volta a ser obrigatório na grade curricular com a nova LDB de número 9.394/96.

Em 1998, foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998) escritos para complementar a LDB de 1996. Os PCNs ressaltam a importância do aprendizado da Língua Inglesa, propondo a inserção no currículo somente a partir do 6º ano do Ensino Fundamental (anos finais).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo já previsto na Constituição Federal de 1988 e na LDB de 1996, prevê o ensino de

inglês na escola com um caráter formativo, ou seja, o aprendizado de línguas alternativas através do exercício da cidadania e da participação em sociedade, mencionando que

[...] o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos (BRASIL, 2018, p. 239).

Com a proposta da promoção de uma educação integralizada, voltada ao acolhimento, ao combate a preconceitos e discriminações através do respeito às diferenças, a BNCC deixa clara a relevância do inglês, pela importância de um aprendizado voltado para o domínio e uso pleno da língua (não apenas com regras gramaticais e repetição), além da valorização para o mercado de trabalho da atualidade (BRASIL, 2018).

Apesar de todas as dificuldades encontradas ao longo das décadas, no processo de ensino da língua inglesa no Brasil, e de vários pontos negativos ainda persistirem, mesmo depois de muitos anos, é importante destacar que a aprendizagem deste idioma se torna cada vez mais necessária.

Aprender a língua inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma tornou-se tão necessário para a vida atual que, para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física e etc., temos de saber falar inglês. (PAIVA, 2005, p. 19).

Para Kezen (2014), o conhecimento em língua estrangeira é abordado como um direito, que assume papel fundamental para o exercício da cidadania de maneira completa, para todos os cidadãos e não somente para os alunos em período escolar. Atualmente, apesar disso, para que se compreenda essa prática como eficiente, quando não se conta mais com distâncias sociais, é preciso se pensar em alternativas reais para que a democratização das linguagens aconteça de fato.

Tendo em vista que o ensino de língua inglesa ainda passa por grandes desafios, faz-se necessário pensar em possíveis propostas de melhoria do ensino

desse idioma, nesse sentido, cabe aos professores de língua inglesa conhecer os diversos métodos e abordagens de ensino que possam norteá-los em seus planejamentos de aula, assim como nas mediações dos conteúdos com seus alunos, como será discutido na próxima seção.

2.1 Ensino e aprendizagem em Língua Inglesa

A área do ensino de línguas estrangeiras teve muitas variantes ao longo dos anos, na mesma forma que o ensino de inglês já passou por diversas metodologias e abordagens. Alguns métodos ainda estão presentes nas salas de aula, sejam de escolas regulares ou de cursos de idiomas. E mesmo com o surgimento de novas abordagens, as metodologias antigas não deixaram de existir, por terem caráter complementar. Por isso, várias abordagens de ensino são aplicadas e diferentes métodos ainda são empregados nas práticas pedagógicas.

Na literatura da história do ensino de línguas estrangeiras, diferentes autores apresentam diversidades conceituais em relação aos termos abordagem e método, assim, nessa seção, alguns desses métodos de ensino e aprendizagem da língua inglesa serão explicados.

Oliveira (2014) explica que entre os principais métodos de ensino da língua inglesa estão os primeiros métodos que foram criados e os métodos comunicativos. Os primeiros métodos abrangem o método de gramática e tradução, o método direto, a abordagem oral e o método audiolingual. Os métodos comunicativos compreendem as abordagens natural, comunicativa, TBL (*Task-based learning*) - baseada em tarefas, lexical e comunicativa intercultural.

Dos métodos comunicativos, os mais conhecidos são a abordagem comunicativa e a abordagem natural. Na abordagem comunicativa, o foco é priorizar a comunicação e fazer com que as atividades utilizadas coloquem em prática o conhecimento do aluno sobre o mundo real. Na abordagem natural, a gramática não é o foco principal, e, portanto, pode ser incluída nas atividades para casa. Seus objetivos são semânticos, baseando-se na concepção de língua como instrumento de comunicação.

Oliveira (2014) afirma que, apesar da existência de vários métodos e abordagens para o ensino de língua inglesa como língua estrangeira, ainda permanece uma incansável busca pelas melhores técnicas e recursos pedagógicos. Transformar o processo de ensino-aprendizagem para torná-lo mais eficaz é uma antiga preocupação na área da educação. No que diz respeito ao campo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, o autor alega que, mesmo estudando durante anos, muitos alunos desenvolvem pouca confiança em utilizar o idioma. A maneira com que o inglês é trabalhado pode não despertar interesse, por isso a desmotivação em sala de aula tem levado os docentes de língua inglesa a repensar sobre suas abordagens.

Essa falta de motivação é um dos problemas que levam o aluno a enfrentar dificuldades para aprender e desenvolver as habilidades de um novo idioma. Ainda que a motivação tenha uma razão particular para cada indivíduo, é função do professor promover um ambiente agradável e descontraído em sala de aula, bem como desenvolver técnicas de ensino baseadas na realidade do contato do aluno com a tecnologia, como, por exemplo, jogos, filmes, séries, *podcasts*, músicas etc. Assim, “os interesses dos alunos podem ser trazidos para a sala de aula e despertar a motivação para a aprendizagem do idioma” (SANTANA; SANTOS, 2018, p. 324).

Vale considerar o fato de que o componente curricular de língua inglesa na Educação Básica, embora não disponha da mesma carga horária de um curso livre de idiomas para o desenvolvimento de atividades que abordem de maneira abrangente as situações comunicativas (aproximadamente, 80 horas anuais contra 140 horas anuais, respectivamente), há, sobretudo na esfera pública de ensino, uma maior autonomia do docente em elaborar, adaptar e rever práticas metodológicas que satisfaçam a questão motivacional e a eficiência do aprendizado, pois, nos setores particulares, bem como nos cursos livres, é comum a utilização de materiais didáticos de conteúdos e abordagens prescritos. Ainda assim, seja pela carga horária restrita ou pela falta de capacitação profissional (ou ambas), é evidente a primazia pelo ensino focado em apenas duas das habilidades linguísticas, a leitura e a escrita, negligenciando as outras duas habilidades fundamentais para a expansão e formação integral da competência linguística: a compreensão oral (*listening*) e a fala (*speaking*).

A revolução tecnológica, sobretudo das duas últimas décadas, trouxe ferramentas de grande utilidade e de uso mais acessível. Com a popularização da

Internet e o surgimento dos smartphones, que trazem recursos tanto de gravação como de reprodução audiovisuais, a prática de atividades de compreensão oral, habilidade que, além de otimizar a leitura e escrita, leva ao desenvolvimento da fala, ficou muito mais viável. Contudo, o ensino dessa habilidade ainda é subestimado.

Para Stanley (2013), embora o *listening* seja uma importante habilidade envolta em um processo ativo de seleção e interpretação de informações para compreender o que acontece ou a que algo se refere, e que essa compreensão é o processo de relacionar a língua a conceitos preestabelecidos e a referências no mundo real, o sucesso no ensino ainda é um desafio, pois sua natureza intangível e transiente, aliada à crença de que a habilidade pode ser desenvolvida pela simples exposição passiva a língua fazem com que os resultados não sejam facilmente demonstráveis.

O listening é geralmente negligenciado ou subvalorizado em sala de aula, e é a habilidade que os professores frequentemente cortam quando se tem carga horária reduzida, pois é vista, entre as quatro habilidades, como a mais difícil de ser trabalhada. Isso faz com que o listening seja testado, em vez de ensinado em sala de aula (STANLEY, 2013, p. 81).⁴

Uma vez que a música é um elemento que faz parte do cotidiano das pessoas sejam crianças, jovens e adultos, as atividades envolvendo-as podem servir de estímulo e despertar o interesse dos alunos com relação ao conteúdo a ser aprendido e servir de suporte para aqueles professores que tenham o objetivo de incluir a música nas aulas de língua inglesa na Educação Básica, visto que os recursos tecnológicos básicos para um desenvolvimento efetivo de práticas educativas já fazem parte do cotidiano nos ambientes pessoal e educacional. Aparelhos de reprodução de imagens e sons, computadores com acesso à Internet e smartphones dão conta da maioria das atividades propícias ao aprendizado significativo.

Segundo Oliveira (2014), o *Community Language Learning* (CLL), método de ensino de línguas estrangeiras desenvolvido por Charles A. Curran, na década de 1970, traz uma abordagem centrada no aluno e em suas necessidades e objetivos individuais de aprendizado, em vez de se concentrar apenas na gramática e na

⁴ Listening is usually neglected or undervalued in the classroom, and it is often the skill which teachers cut when there is pressure on contact hours, because it is viewed as the least manageable of the four skills. This can lead to listening being *tested* rather than *taught* in the classroom (STANLEY, 2013, p. 81).

estrutura da língua, enfatizando a importância de um relacionamento de confiança entre o aluno e o professor que atua como um facilitador, utilizando-se de técnicas de aconselhamento na superação de ansiedade e frustração que muitas vezes acompanham a aprendizagem, vista pelo método como um processo social que visa a autonomia do aluno, tornando-o “mais independente à medida que avance nos estudos” (OLIVEIRA, 2014, p.125).

Oliveira (2014) indica que esse método reúne as características principais dos primeiros métodos chamados de alternativos, como o *Silent Way*, criado pelo pesquisador egípcio Caleb Gattegno, e o método chamado de *Suggestopedia*, criado pelo psiquiatra e educador búlgaro Georgi Lozanov. Ambos datados da década de 1960, contrariavam o modelo behaviorista propondo aprendizagens alternativas, em que o envolvimento maior do aluno em seu próprio processo de aprendizagem, juntamente com a quebra de barreiras psicológicas eram o objetivo geral.

Hoje, sob alta influência dos métodos comunicativos amplamente disseminados nas décadas de 1970 e 1980, a utilização da música em práticas pedagógicas de língua inglesa pode ser instrumento significativo em diversas abordagens. O destaque vai para a abordagem comunicativa (*communicative approach*), que idealiza situações comunicativas e a linguagem pertinente a elas.

Além da abordagem comunicativa, temos ainda a abordagem TBL, na qual essas tarefas são atividades em que os alunos utilizam quaisquer recursos que possuam no idioma para solucionar um problema. E a abordagem comunicativa intercultural, que considera os aspectos culturais intrínsecos à língua como significativos para a construção do conhecimento linguístico e, ao mesmo tempo, a desconstrução de fatores negativos advindos do choque de culturas, como o etnocentrismo e o preconceito linguístico⁵.

Acreditando ser a chave para uma aprendizagem mais significativa, a combinação dessas abordagens levou ao conceito de uma outra chamada de abordagem natural (*natural approach*), que traz as ideias de Tracy Terrell e Stephen Krashen sobre os princípios da aquisição de segunda língua, que consideram os

⁵ Etnocentrismo é a tendência de um grupo ou sociedade de considerar suas próprias normas, valores, costumes e práticas como superiores e mais corretos do que os de outras culturas. Já o preconceito linguístico é a atitude negativa em relação a um determinado dialeto, sotaque, variação regional ou social de uma língua, que podem levar a estereótipos, discriminação e marginalização de pessoas que falam de maneira diferente (TRUDGILL, 2000)

valores afetivos na aprendizagem, valorizam a compreensão e a concepção de língua como instrumento de comunicação e deslocam a gramática do lugar central do processo ensino-aprendizagem (OLIVEIRA, 2014).

A busca incessante pelo método mais eficiente na década de 1990, juntamente com a própria discussão a respeito do conceito de método, levaram estudiosos a desenvolver a abordagem eclética, que se destaca na era do pós-método (alegação de que não há método infalível), justificando, sob a autonomia do professor, a adoção de técnicas, atividades e princípios teóricos de variados métodos.

Por todo esse histórico conceitual, vale considerar a distinção entre métodos e abordagens defendida por Richards e Rodgers (2001), que vinculam os métodos a práticas prescritas e técnicas específicas, enquanto as abordagens apresentam flexibilizações e aceitam procedimentos característicos de diversos métodos.

Este estudo não tem a intenção de delimitar técnicas e métodos específicos, pois, além de uma variada gama de *resource books for teachers* (livros com recursos e sugestão de técnicas a serem adotadas) disponíveis no mercado, a criatividade do docente na criação, adoção e adaptação nas abordagens é fator essencial para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Logo, é essencial trabalhar com variadas metodologias e abordagens e suas adaptações no processo de práticas de ensino que respondam aos diferentes estilos e formas de aprendizagem, quer sejam os estilos ativo, reflexivo, teórico ou pragmático, e as formas cinestésica, auditiva e visual, para que não tenhamos discentes desmotivados, mas sim protagonistas no desenvolvimento de suas competências comunicativas. Assim, sabendo que a motivação é uma ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua, faz-se necessário o aprofundamento de alguns conceitos teóricos que veremos na seção a seguir.

2.2 A música como ferramenta de motivação no processo de ensino e aprendizagem em Língua Inglesa

A música é um elemento intrínseco ao ser humano. Ela está impregnada na cultura humana desde seus primórdios. Os primeiros instrumentos musicais criados

pelo homem foram com a intenção de imitar sons da natureza, como vento, água corrente e chuva, além de imitar animais para atraí-los para a caça. Hoje, a música nos acompanha em praticamente todas as fases da nossa vida. Dessa forma, pode-se afirmar que a música é um tipo de linguagem presente em toda trajetória humana. Segundo Bréscia (2009, p. 15),

a música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações. Conforme dados antropológicos, as primeiras músicas seriam usadas em rituais, como: nascimento, casamento, morte, recuperação de doença e fertilidade.

Percebe-se, então, que a música possui uma importância relevante na vida humana, pois há pessoas que mantêm contato com música todos os dias e há também aquelas que utilizam a música para trabalhar, outras para relaxar e até mesmo dormir.

Na vida cotidiana, a música pode se tornar um hábito diário necessário, pois pode ser facilmente associada à motivação para a realização de atividades como estudar e aprender, assim como utilizada em práticas medicinais como a musicoterapia. Gomes e Chaves (2009, p. 9) dizem que

a música está em todos os lugares e todos os alunos têm algum tipo de interesse em música, portanto pode-se afirmar que ao utilizarmos canções na sala de aula, estaremos fazendo uso de um meio que por si só é capaz de despertar o interesse de uma classe.

A música é um tipo de arte com características únicas. Embora o homem tenha convencionado representações gráficas na forma de notação musical para descrevê-la, ela não se manifesta em um plano palpável e visível, mas é bastante sensível, atingindo aspectos emocionais, despertando curiosidades e influenciando na psique humana. Ela interfere não somente no subconsciente, mas também diretamente no comportamento humano. Vale ressaltar que, como arte, a música atinge uma área bem específica: a cultura. Assim, refletindo a opinião de um grupo ou relatando acontecimentos, fatos e críticas sociais, a música torna-se fundamental na estruturação de uma sociedade.

Os aspectos psicológicos do contato com a música em um ambiente de aprendizagem são evidenciados por Gobbi (2001) como constituintes à criação de

identidade, inspiração para a criação artística e sensação de pertencimento a determinado grupo social, e atuam na área psicoemotiva, auxiliando na desativação do filtro afetivo (fatores emocionais e afetivos, como ansiedade, motivação e a atitude do aluno em relação à língua estrangeira e à cultura associada a ela, que podem atuar como obstáculo para a aprendizagem), favorecendo assim a descontração e a assimilação de conteúdo.

Para Potter (2012), essa atmosfera descontraída cria um ambiente seguro e não ameaçador de linguagem autêntica, considerando a tensão natural que os alunos sentem ao serem expostos a uma língua estrangeira. Dessa forma, a música pode extrapolar sua efetividade para além dos aspectos linguísticos, através da abordagem de temas transversais⁶, como as transformações sociais, desenvolvendo o senso crítico de forma divertida e relaxada.

No ensino da Língua Inglesa, a música pode ser considerada uma arte, que é capaz de proporcionar um clima favorável à aprendizagem da língua.

Música é uma arte que interessa a todos as pessoas promovendo, conseqüentemente, um maior entrosamento entre professor e alunos criando um clima favorável a uma efetiva aprendizagem. Na prática cotidiana os professores de Língua Inglesa utilizam-se de canções em suas aulas visando tornar as aulas mais prazerosas, possibilitando aos seus alunos uma capacidade de aquisição do conhecimento mais eficaz (SANTOS; PAULUK, 2008, p. 9).

Com uma ação direta sobre os aspectos afetivos, cognitivos e emocionais, a música pode contribuir para uma prática metodológica de ensino mais eficiente, promovendo interação e colaboração, através de estímulos em tarefas que requeiram cooperação, evitando a criação de ambientes nocivamente competitivos.

Vale levar em consideração, também, aspectos que influenciam negativamente na proposta de utilização abrangente da música como instrumento pedagógico, como, por exemplo, a perturbação e desconcentração que a intensidade do som pode provocar nos ambientes próximos, como outras salas de aula e as preferências pessoais por gêneros e estilos musicais que podem tornar a atividade bastante

⁶ Para que os alunos de todo o país tenham acesso a uma formação integral, o Ministério da Educação (MEC) definiu que as instituições de ensino devem incorporar em seus planos pedagógicos os temas transversais, como ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo, pluralidade e cultura.

desafiadora. Assim, tão importante quanto a seleção do material e sua abordagem (cuidados com a linguagem e temas presentes nas músicas e suas adequações ao público-alvo e ao contexto educacional), é a apresentação dele, pois ela necessita trazer um apelo que desperte o interesse, a curiosidade e a motivação no aluno, sem que desvie o professor do propósito pedagógico da música que pode ser trabalhada de forma fragmentada, associada a recursos visuais ou até mesmo vinculada a contextos comunicativos em que os alunos estejam mais familiarizados.

No entanto, o aspecto que possivelmente mais influencia negativamente é a ausência de letramento musical e tecnológico dos professores. Para Oliveira e Silva (2018, p. 3), o letramento musical é essencial para o sucesso no trabalho em sala, “a fim de se problematizarem questões semióticas e musicais como elementos de linguagem e de sentido envolvidos no processo”.

Segundo Nogueira e Oliveira (2013), letramento musical refere-se à habilidade de compreender, ler, escrever e se comunicar efetivamente por meio da música. Isso envolve a compreensão de elementos musicais, como ritmo, harmonia, melodia, dinâmica e timbre, bem como a capacidade de compreender e interpretar partituras e outras notações musicais. Esses conhecimentos, embora importantes, principalmente, para a performance de instrumentos musicais, não se tornam foco da aula de língua inglesa, no entanto, eles são úteis para a seleção de material adequado ao propósito a ser alcançado.

A utilização de tecnologias digitais no ensino de línguas pode trazer muitos benefícios, como a possibilidade de desenvolver atividades mais dinâmicas e interativas, a utilização de recursos multimídia, a criação de ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros. No entanto, é preciso que os professores tenham conhecimento e habilidade para usar essas tecnologias de maneira eficaz e pedagogicamente relevante.

A formação continuada de professores de línguas é essencial para que esses profissionais se adaptem às novas tecnologias e ao multiletramento, que envolve a capacidade de lidar com diferentes linguagens e formas de comunicação presentes na sociedade contemporânea. A combinação dessas duas questões permite que os professores estejam mais preparados para lidar com as demandas dos alunos e oferecer uma educação mais completa e atualizada.

O multiletramento, é uma habilidade que os professores de línguas devem desenvolver para lidar com a diversidade de linguagens presentes na sociedade atual, como a escrita, a oralidade, a linguagem visual, a linguagem musical, entre outras. Isso exige dos professores uma atualização constante em relação às novas formas de comunicação e a capacidade de utilizar essas linguagens de maneira integrada em suas aulas.

De acordo com Soares (2004), o multiletramento é uma habilidade fundamental para lidar com a diversidade cultural e linguística presentes na sociedade contemporânea, e sua utilização pode trazer benefícios significativos para o ensino de línguas. Além disso, a autora destaca a importância da formação continuada de professores para o desenvolvimento do multiletramento e sua aplicação no ensino.

Outra autora que destaca a importância da formação continuada de professores de línguas frente às novas tecnologias e ao multiletramento é Kleiman (2008). A autora destaca que a utilização de tecnologias digitais e a capacidade de lidar com diferentes linguagens e formas de comunicação são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades linguísticas dos alunos.

Portanto, a formação continuada de professores de línguas frente às novas tecnologias e ao multiletramento é uma questão essencial para o desenvolvimento de uma educação mais atualizada e relevante, que leve em consideração as demandas e necessidades dos alunos na sociedade contemporânea.

Em um contexto educacional de dimensões plurissignificativas, o multiletramento age como elemento propulsor na construção de conhecimentos, vislumbrando um universo de interpretações vinculado a questionamentos filosóficos e sociológicos muito particulares.

Nassar (2018, n.p.) conclui que a BNCC compreende o processo de aprendizagem de inglês

[...] pela perspectiva de uma educação metalinguística, que faz o sujeito se deparar com outras formas de dizer e pensar o mundo, ao mesmo tempo que o faz retornar para sua própria língua, processo este que se dá de maneira autoral e criativa. É preciso que acreditemos nessa ideia, para que possamos fazer nosso aluno querer pensar sobre o mundo e aceitar o desafio de buscar na nova língua maneiras de dizer o que pensa, usando os recursos que tem, ao mesmo tempo em que busca novos.

A utilização da música em sala de aula proporciona um ambiente prazeroso e favorável ao aprendizado, tornando a aula mais produtiva e despertando o interesse dos alunos, pois, além da introdução de aspectos linguísticos, “a música pode ser empregada na sala de aula como meio facilitador [...] para a introdução dos aspectos culturais” (SANTOS; PAULUK, 2008, p. 9). Segundo Farias (2009, p. 2326),

a iniciativa de levar a música às salas de aula de língua estrangeira deixou evidente o quanto os alunos se mostraram mais interessados pela disciplina e até mesmo mais curiosos no que diz respeito às traduções e interpretações do texto musical. Diante disso, faz-se necessário refletir a importância de haver aulas de língua inglesa mais atrativas para o aluno, unindo o aprender com o prazer. Vale ressaltar que não se trata de um mero passatempo, mas sim de fazer perceber que a música pode ser explorada de diversas formas nas aulas de língua estrangeira. Além de tornar as aulas mais divertidas e prazerosas pela melodia, podem ser trabalhados os conteúdos gramaticais, a mensagem do texto e questões culturais.

A música tende a deixar um rastro profundo em nossas memórias, o que é possível devido ao fato de estar relacionada a fatores afetivos e inconscientes, bem como possivelmente menos exigentes em energia, porque a percepção musical começa antes do nascimento (MORA, 1999).

A maioria das pessoas aprende as palavras mais rápido quando são letras de música, e melodias tendem a ser armazenadas mais facilmente na memória, mesmo que o significado das palavras possa não ser claro: “através do uso de canções, rimas e música, as crianças são capazes de reter quantidades muito maiores de informações” (ORTIS, 2008, p. 207).

Para Gainza (1988), a música é um elemento de fundamental importância, pois movimenta, mobiliza, e por isso contribui para a transformação e o desenvolvimento. Segundo a autora,

cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem (GAINZA, 1988, p. 37).

A música age de maneira a auxiliar os processos de aprendizagem das crianças e as razões para esse sucesso estão dentro do cérebro. As ondas sonoras

entram em nossos ouvidos e, a partir de lá, transformam-se em impulsos nervosos. Esses impulsos são então enviados para áreas nos lobos temporais esquerdo e direito para processamento. As funções que são usadas para processar música e canto são armazenadas no cérebro juntamente com outras funções que incluem emoção, memória e linguagem (ORTIS, 2008). Isso mostra ainda mais claramente por que a música é um recurso bastante efetivo para aprender uma segunda língua.

Para Murphey (2013), a música é altamente memorável, seja por criar um estado de receptividade e descontração, seja por tocar as profundezas do emocional ou ainda por reforçar o aprendizado sem perda da motivação através da sua repetição. Em seu livro *Music and Song: Teacher Resource Series*, o autor apresenta várias ideias de como o professor pode trabalhar atividades com música, sejam elas de compreensão oral, pronúncia, vocabulário ou gramática, envolvendo os alunos em uma aula mais dinâmica e, assim, facilitando o processo de aprendizagem do idioma. Algumas dessas ideias incluem: utilizar canções populares para praticar a compreensão auditiva (os alunos podem escutar as canções e tentar preencher lacunas nas letras ou responder a perguntas baseadas na letra da música); criar atividades de vocabulário baseadas em canções (as letras das músicas podem ser uma ótima maneira de apresentar novas palavras e expressões aos alunos, que podem ser praticadas em atividades subsequentes); utilizar canções para praticar a pronúncia (os alunos podem cantar juntos e praticar a pronúncia correta das palavras e das frases); utilizar canções para explorar a cultura de países de língua inglesa (as letras das músicas podem ser usadas para discutir a cultura e as tradições dos países de língua inglesa, bem como para praticar a compreensão de temas culturais), entre outras.

Cabral (2016) elenca a importância da música como um instrumento motivacional nas aulas de língua inglesa, enfatizando que ela propicia

situações enriquecedoras e favorece experiências que garantem a expressividade e interpretação de vídeos, linguagem corporal, gestual e imagens, e o estudo da estrutura, da análise gramatical e morfosintática das palavras em língua inglesa, além de proporcionar não somente a análise crítica do conteúdo da canção, mas também a interpretação e reflexão do seu aspecto linguístico e consequentemente, poder situar-se no mundo globalizado. (CABRAL, 2016, p. 5).

Vale ressaltar que as composições e interpretações musicais em língua inglesa não se restringem a artistas cuja língua materna é o inglês. Cantores de diversas etnias gravam músicas nesse idioma por sua relevância na comunicação global. Assim, o contato com diversas formas de expressão cultural e, com elas, os sotaques (variações na pronúncia das palavras que surgem devido a diferenças regionais, culturais, sociais, entre outras), que até pouco tempo eram classificados hegemonicamente como nativos somente os padrões americano (estadunidense) e o britânico, age positivamente na quebra do paradigma de que para ser proficiente o aprendiz precisa reproduzir fielmente o sotaque e fluência de falantes nativos. A própria noção de língua inglesa como língua nativa já se vê em desuso pela concepção da língua como culturalmente internacional (Inglês como Língua Franca - ILF).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da música no ensino de língua inglesa apresenta vários benefícios, incluindo melhoria na pronúncia, fluência e compreensão da língua, aumento da motivação e engajamento dos aprendizes, e promoção de conhecimentos culturais e históricos. Além disso, os efeitos positivos no condicionamento psicoemocional e cognitivo evidenciam os benefícios para o aprendizado efetivo do idioma. Portanto é importante que os professores de língua inglesa na Educação Básica, em detrimento de menor carga horária estabelecida, se comparada à carga horária dos cursos livres, (re)considerem o uso da música em suas aulas como uma ferramenta valiosa de ensino, através de buscas por aperfeiçoamento pedagógico e letramento musical e tecnológico.

No entanto, é importante ressaltar que o uso da música no ensino de língua inglesa não deve ser visto como um recurso único no processo de aprendizagem. Os professores devem utilizar a música de forma adequada e complementar a outras atividades de ensino, como aulas teóricas, atividades de escrita formal e de conversação, com o uso de outros instrumentos pedagógicos presentes nos mais variados gêneros textuais.

Além disso, é importante escolher as músicas cuidadosamente, levando em consideração o nível de proficiência dos aprendizes, a relevância cultural e a complexidade das letras. Os professores também devem estar cientes de que algumas músicas podem conter linguagem inapropriada ou temas sensíveis, o que pode ser inadequado para alguns contextos de ensino.

Assim, considerando que os alunos são expostos à música frequentemente e que ela tem uma importância relevante no desenvolvimento psicoafetivo, comportamental e cognitivo, podemos concluir que atividades com canções é um grande aliado para o ensino de língua inglesa, proporcionando grande influência no aprendizado do aluno, no qual ele passa a ter a percepção da importância da aquisição dessa língua em sua construção e desenvolvimento como um indivíduo não somente linguisticamente competente, mas também socioculturalmente crítico e reflexivo.

Finalmente, colocamos este trabalho à disposição da comunidade acadêmico-científica para pesquisas correlatas com a finalidade de desenvolvimento aprofundado das teorias apresentadas, bem como pesquisas e experimentos que deem continuidade à busca por métodos cada vez mais efetivos para o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.** Art. 26, parágrafo 5º, LDB, 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.769, 18 de agosto de 2008.** Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm. Acesso em: 13 de janeiro de 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC/SEF, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa.** – Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: Bases psicológicas e ação preventiva.** 2. ed. São Paulo: Átomo, 2003.

CABRAL, Maria Suzana Soares et al. **A música como instrumento motivacional nas aulas de língua inglesa**. 2016.

CRYSTAL, David. **Revolução da linguagem**. Zahar, 2005.

FARIAS, Rafael Loureiro. A Música como Motivação e Atitude no Processo de Ensino Aprendizagem de Língua Inglesa no Projovem. In: LEFFA, V. J. (compilador). **TELA (Textos em Linguística Aplicada)**. Pelotas: Educat. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/RAFAEL%20LOUREIRO%20FARIAS.pdf. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v.4. São Paulo: Atlas, 2002.

GOBBI, Denise. **A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa**. 2001.

GOMES, Yeda Carneiro; CHAVES, Maria Inês. Música na sala de aula de inglês: uma proposta para 7ª e 8ª série. In PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**: produção didático-pedagógica, 2010. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023. ISBN 978-85-8015-061-2.

KEZEN, Sandra. **O ensino de língua estrangeira no Brasil**. Faculdade de Direito de Campos, 2003.

KLEIMAN, Angela. B. **Preciso aprender a ler na escola?** Multiletramentos, discursos e escola. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Gislaine P.; QUEVEDO-CAMARGO, Gladys. Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático de inglês no Brasil. **Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas**, v. 7, p. 01-07, 2008.

MORA, Carmen Foncesa. Foreign language acquisition and melody singing. **ELT journal**, v. 54, n. 2, p. 146-152, 2000.

MURPHEY, Tim. **Music and Song-Resource Books for Teachers**. Oxford University Press, 2013.

NASSAR, Laura Meloni. A ideia de que só se aprende inglês em escolas de idioma deve ser superada. **Nova escola**, São Paulo: Associação Nova escola, ed. 316, ano 31, 28 nov. 2018. Mensal. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/125/a-ideia-de-que-so-se-aprende-ingles-em-escolas-de-idioma-deve-ser-superada-diz-especialista>. Acesso em: 1 mar. 2023.

NOGUEIRA, Isabel Porto; OLIVEIRA, Simone Santos de. **Letramento musical: teoria e prática**. São Paulo: Musimed, 2013.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de; SILVA, José Cacildo Vieira. Letramento musical de professores de língua estrangeira (inglês). **Educação em Revista**, v. 34, n. Educ. ver., 2018 34, p. e182650, 2018.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. Parábola, 2014.

ORTIS, Jana M. ***The effects of music, rhymes and singing on the classroom environment***. Masters in Teaching Program 2006-2008 Teaching the Child in Front of You in a Changing World, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (org.). **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências**. Campinas: Pontes, 2005.

PEREIRA, E. **O Ensino da Língua Inglesa com música/Música, linguagem universal**. São Paulo, 2009.

POTTER, Louise Emma. **Atividades com música para o ensino de inglês**. Barueri, Sp: DISAL, 2012.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 135-159, 2005.

RICHARDS, J.; RODGERS, T. **Approaches and methods in language teaching: a description and analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SANTOS, Eliana Santos de Souza. O ensino da língua inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n. 01, 2011.

SANTOS, Jacinta de Fátima; PAULUK, Ivete. **Proposições para o ensino de língua estrangeira por meio de música**. 2008. Disponível em: <http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/752-4.pdf> : acesso em: 25 de fevereiro 2023.

SOARES, Magda. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STANLEY, Graham. **Language learning with technology: ideas for integrating technology in the classroom**. Cambridge University Press, 2013.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: An introduction to language and society**. Penguin UK, 2000.